

Nota contra o feminicídio na UnB

A violência contra as mulheres existe em todos os lugares. Infelizmente, no interior das casas, nas relações amorosas, no trabalho e na universidade. E isso não é de hoje. Existe há muito tempo. O caso Louise Ribeiro nos choca, pois aconteceu no coração desta Universidade, configurando um feminicídio. Muitas são as nossas Louises: as professoras, as servidoras, as terceirizadas, as estudantes e as filhas de todas essas mulheres. Partindo da premissa de que nos encontramos em um ambiente de formação profissional, mas também de valores, de crenças e de posturas diante do mundo, parece-nos fundamental que a violência de gênero seja debatida, mas, sobretudo, evitada em nossa prática, tanto interna, ou seja, em nossos espaços de interação, colegiados, departamentos, reuniões e tarefas de administração; em sala de aula e entre os nossos pares; mas também em seu exterior, no momento em que os docentes e discentes se inserem em serviços de saúde e nas relações de cuidado. Sobretudo, porque somos um campus voltado para à Saúde e para o cuidado. A violência contra as mulheres é física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. Todas as mulheres, todas as Louises, têm o direito de ser felizes, estudar, ter uma profissão, amar, desejar, e, sobretudo, dizer não. Dizer não é um direito e um cuidado de si. Dessa forma, enquanto Colegiado da Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da UnB firmamos o nosso propósito de trabalhar as questões de gênero e o combate ao machismo/sexismo/misoginia em nossos colegiados e em nossas salas de aula entre as/os nossos/as estudantes, conteúdos, estágios, mas, sobretudo, em nossas relações sociais, internas e externas, pois a garantia à saúde exige o bem-estar psíquico e emocional. Pois ela acontece antes no miúdo, nos atos mais simples do cotidiano. Repudiamos o ocorrido, toda e qualquer expressão de maltrato, violência, desrespeito, machismo e misoginia e a ausência de tal debate no interior da UnB, salientando o nosso forte compromisso em refletir sobre assunto e praticar um mundo sem violência com as mulheres. Ninguém nasce machista, torna-se. Ninguém nasce se sentindo dono do corpo e da vida de uma mulher, essa é uma construção social perversa e devastadora. Em espaços de ensino, cabe-nos contribuir para o fim dessa realidade.

Colegiado do Curso de Saúde coletiva da UnB-Faculdade Ceilândia